

[(1886), *Jornal do Commercio*, ano XXXIII, nº 9851, 1 de Outubro (Lisboa)]

VI - AS IDADES PRÉ-HISTÓRICAS DA ESPANHA E DE PORTUGAL

Mr. Cartailhac acaba de publicar o seu livro sobre as idades pré-históricas da Península. É um belo livro, realmente pela beleza da edição, pelas magníficas e numerosas gravuras, mas sobretudo pelos valiosíssimos materiais, que nele estão reunidos, e por vistas especiais do autor sobre pontos novos e outros já debatidos.

Mr. Cartailhac divide o seu livro em quatro partes: as três primeiras são essencialmente etnográficas e arqueológicas e a quarta intitula-se *Antropologia*, a primeira parte trata do *Terciário*, a segunda do *Quaternário*, a terceira dos *Tempos Actuais*.

Ao tomar conhecimento dum livro importa sempre, primeiro que tudo saber qual o critério do autor. Mr. Cartailhac é transformista como ele próprio declara. Todavia ele reconhece que o estudo do desenvolvimento deve fazer repelir toda a ideia de um parentesco directo entre o homem e os antropóides, abandonando assim a escola de Hœckel pela de Carlos Vogt, que considera os dois tipos (o homem e o antropóide) como colaterais remontando a antepassados desconhecidos que não eram ainda nem homens nem macacos.

A primeira parte do livro de Cartailhac que trata do *Terciário*, é sem dúvida a mais interessante. O autor conquanto transformista, e não podendo, portanto compreender a existência do homem Quaternário nem do homem Terciário afirma que os restos do precursor do homem, os vestígios irrecusáveis do homem Terciário estão ainda por descobrir. Pela sua importância, limitamo-nos a mencionar aqui esta parte do livro e a exposição detalhada dos argumentos de Mr. Cartailhac sobre o homem Terciário, especialmente o de Portugal, será objecto de uma das nossas próximas revistas.

Passando ao *Quaternário*, o autor começa por descrever o tipo dos sílex encontrados na primeira fase dessa época. Mortillet propôs chamá-la a *Época cheleana*, porque são as aluviões de Cheles (Seine-et-Marne) que fornecem o tipo mais perfeito desses sílex curiosos, talhados nas duas faces, mais ou menos amigdalóides, pontiagudos e cortantes em ambos os bordos. A maior curiosidade destes sílex é que não parecem ter sido feitos para serem encavados, e apresentam-se sempre talhados para serem fácil e comodamente agarrados com a mão direita, e é, com efeito, difícil acomodá-los à mão esquerda. Estes «instrumentos cheleanos encontram-se: na Espanha, nas aluviões de San Isidro; em Madrid; e, em Portugal: em Leiria, na Gruta da Furninha em Peniche, e nas da Casa da Moura e de Montejunto. Mr. Cartailhac fez reproduzir pela gravura 6 dos mais notáveis, alguns dos quais se parecem muito uns com os outros (os de Espanha com os de Portugal) em tamanho e feitio.

«Em Portugal, diz M. Cartailhac, em virtude dos grandes movimentos do solo e da vastidão dos estuários, os terrenos quaternários são complicados, muito pouco fossilíferos e mal conhecidos.».

Das últimas épocas da idade paleolítica, quando, na Europa ocidental, o *solutriano* e o *madaleniano* sucedem ao *mousteriano*, quando «a indústria se transforma, o trabalho da pedra toma um desenvolvimento maravilhoso e as pontas de sílex são obras-primas no talhado e na elegância, quando o osso entra no fabrico dos instrumentos e das armas, quando o clima se torna mais seco, as chuvas diminuem e o

sol brilha mais vezes»; desta época nada se tem encontrado em Portugal. De resto a época solutriana, que, como se sabe tira o seu nome da rica estação de Solutré, não tem sido reconhecida senão na Inglaterra, Bélgica, França e norte da Itália. Mais extensa é a época madaleniana ou da estação da Madalena, nas margens do Vézère, ela acha-se excelentemente caracterizada num grande número de localidades, da Inglaterra à Rússia, e da Bélgica aos Pirenéus e às fronteiras da Itália. Na época madaleniana, duma duração imensa, a arte estava enormemente espalhada, e é o que a caracteriza: é o período artístico. Os homens desse tempo deixaram-nos, por meio da gravura no osso, a representação fidelíssima de si mesmos e dos animais que os rodeavam.

As únicas cavernas da época madaleniana que existem na Península são as de Reñada Miel, de Altamira e de Serinia; mas a posição das duas últimas, justamente as mais importantes, nos Pirenéus, e outros factos, fazem duvidar M. Cartailhac de que sejam exactamente comparáveis às estações francesas da mesma época; e ele pensa que os despojos, nelas encontrados, podem ser atribuídos às excursões dos caçadores franceses de renas.

Portugal não deu um único documento desse grandioso *período artístico* da Madalena.

Lembraremos incidentemente que este facto deve ser tomado na máxima consideração pelo nosso historiador, o Sr. João Bonança, que, a ajuizar pelo prospecto da sua vasta obra, parece querer fazer sair da Península toda a civilização da Europa.

Mas como desapareceu da Península o homem que talhava os belos sílex cheleanos, na primeira fase da época quaternária? Donde tornou o homem a vir para a Península na época neolítica?

Passemos com Mr. Cartailhac aos tempos actuais, época neolítica, ou Idade da Pedra Polida.

Portugal tem também os seus *kjækkenmæddings*, por vezes tão consideráveis como os da Dinamarca. Cartailhac visitou-os, depois dos Srs. Dr. Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, e, estudando as colecções reunidas pelos seus predecessores, reconheceu em tudo os tipos da velha indústria dinamarquesa. Sabemos que iguais descobertas foram feitas na Inglaterra, na Bélgica e na França. M. Cartailhac não nos descreve nenhum *kjækkenmæddings* da Espanha o que faz crer que eles não têm ainda sido descobertos e apresenta factos importantes que demonstram a grande antiguidade dos de Portugal que estão admitidas as conclusões desses factos, bem perto da Época Quaternária, se mesmo não se confundem com ela.

Na Dinamarca, o homem dos *kjækkenmæddings* não conhecia nem o boi, nem o carneiro, nem o porco, etc. Somente um cão o acompanhava, e as observações de Steenstrup puseram fora de dúvida a domesticidade desse animal. Era ele que roía a porção esponjosa dos ossos abandonados pelo dono. Nos «restos de cozinha» de Mugem, M. Cartailhac encontrou os restos de um *Canis* de espécie indeterminada; mas os seus ossos e os dos outros mamíferos não estavam roídos, o que «provaria a ausência do cão doméstico».

A grande antiguidade dos *kjækkenmæddings*, a inferioridade das indústrias usuais, o conhecimento de um só animal doméstico, fazem com que Cartailhac (se não no seu livro, mas sim numa carta escrita a M. de Quatrefages e que este cita no *Prefácio*) considere os *kjækkenmæddings* como «correspondendo a uma civilização especial, mais selvagem, provavelmente mais antiga que a das estações e das sepulturas neolíticas», e talvez que os nossos devam ser considerados como de uma civilização ainda mais inferior, vista a sua antiguidade maior e a ausência desse único animal doméstico que se encontra nos de outros países.

Estes factos vem aliás permitir o estabelecimento de uma transição entre a época paleolítica e a neolítica. Vem destruir o hiato de que por vezes se falou, pois M. Cartailhac e com ele M. de Quatrefages, consideram a época dos *kjækkenmæddings* como uma «época à parte» e o último daqueles autores diz que esses factos o levam a «distinguir muito claramente esse período e a considerá-lo como uma *época ou Idade* distinta», para a qual propõe o nome de «*época ou Idade do cão*», do primeiro animal doméstico que aparece.

No *prefácio* de M. de Quatrefages, a propósito do homem dos *kjækkenmæddings* portugueses, acham-se aprovadas todas as conclusões a que chegou o nosso distinto antropólogo, o Sr. Paula e Oliveira, que o havia considerado, no seu conhecido trabalho apresentado ao *Congresso* reunido em Lisboa, como pertencente à raça de Furinez, sendo os crânios de Cascais intermediários entre os de Mugem e os de Cro-Magnon.

Nas épocas francamente neolíticas da Península M. Cartailhac não encontra senão pequeno assunto pelo que respeita às estações habitadas. Em toda a Península estas estações são muito raras, o que o autor explica pela doçura do clima que favorecia a vida ao ar livre. Em compensação o número das sepulturas é considerável, não tendo mesmo muitas sido exploradas convenientemente.

Nesta questão das sepulturas pré-históricas, M. Cartailhac acha-se em desacordo com M. de Quatrefages, quando afirma que, nos tempos quaternários, não se encontra nada que, nem de perto, nem de longe faça lembrar uma sepultura. M. de Quatrefages julga ter já provado noutra parte a existência da sepultura quaternária, verdadeira.

M. Cartailhac descreve um notável número de sepulturas pré-históricas de Portugal e da Espanha, tanto na Idade da Pedra Polida, como da dos metais (cobre e bronze), e daquela que ele designa com o nome de *tempos proto-históricos*, e que abrange todo o período que separa o fim da Idade do Bronze daquela aonde começa a história propriamente dita. Todas estas descrições, que ocupam a grande parte do livro, são acompanhadas de numerosas e bem executadas gravuras representando os diversos objectos encontrados nas cavernas. Nestas gravuras M. Cartailhac teve o cuidado de introduzir tudo quanto dá as aproximações étnicas mais notáveis, e, percorrendo-as com atenção, vemos, dessas aproximações, verdadeiramente surpreendentes e problemáticas. Assim, a ornamentação das louças da *Cueva Lóbriga* na Espanha é análoga à das que foram encontradas nas habitações lacustres do lago Fimon na Itália; umas esculturas em mármore, que não tem nada de semelhante na Europa, parecem reproduzir as machadinhas encavadas das ilhas Carolinas, da Nova Guiné e principalmente das ilhas Kodiak, junto da Alasca; outras pedras esculpidas em forma de machadinha encavada, encontradas em Portugal, não são raras nas Antilhas e noutros pontos da América; sobretudo há louças da gruta de Palmela que são extremamente parecidas com as que se têm encontrado na Irlanda. Há um vaso de suspensão da gruta de Palmela tão parecido com um da Irlanda que se diria feito pelo mesmo artista.

Estas identidades de forma supõem a existência de relações entre as populações que as possuem.

Em biologia Lankester criou dois termos – *Comunidades de origem* e *comunidades de adaptação*: o bico do polvo, o da tartaruga e o da ave não podem ser tomados como uma comunidade de origem, mas apenas como uma comunidade de adaptação. Estes dois termos bastante felizes podem perfeitamente ser aplicados à

etnologia, à linguística, etc. Ora M. Cartailhac considera as formas idênticas que se encontram em Portugal e nos países distantes, América e Irlanda como simples comunidades de adaptação; os homens tendo as mesmas necessidades e não tendo para as satisfazer senão materiais semelhantes, deviam quase fatalmente chegar aos mesmos resultados e fabricar armas e instrumentos que se assemelhassem. A identidade das formas não lhe parece ser o indício de relações existentes entre duas populações, nem tão pouco de uma origem comum. Contudo é difícil por vezes a convicção; quando, como na gruta de Palmela, os objectos não são apenas do mesmo género, mas pertencem exactamente à mesma espécie, ou ainda à mesma variedade. Neste caso parece-nos muito difícil admitir a comunidade de adaptação, qualquer que seja a dificuldade que haja e explicar os factos pela comunidade de origem ou relações comerciais.

Compreende-se perfeitamente que os homens neolíticos da Irlanda e os da Gruta de Palmela chegassem independentemente, a dar aos seus vasos uma mesma forma que satisfizesse a certas condições de primeira necessidade, como pousarem bem, e terem a abertura o mais pequena possível, para se evitar a evaporação ou o arrefecimento do líquido que se lhes deitasse; mas o que não é na verdade tão fácil de compreender, é que, a par destas necessidades materiais e elementares, houvesse, entre povos tão distantes, necessidades de espírito artístico tão iguais a ponto de tornar os seus artefactos inteiramente semelhantes na questão de proporções e detalhes de ornamentação.

As gravuras escolhidas por M. Cartailhac, resolvem uma outra questão muito curiosa: a dos cabos das espadas e das dimensões das mãos que deviam tê-las manejado.

Há muito que a pequenez das espadas da Idade do Bronze e do Ferro surpreende os arqueólogos. Os guerreiros desses tempos longínquos tinham pois as mãos mais pequenas do que as nossas? Ou deixavam de fora dos copos o polegar e também o índice? Esta última hipótese pareceu sempre pouco plausível a alguns antropólogos e arqueólogos, pois, deste modo, os copos para nada serviam, a bem dizer, deixando exposto o dedo principal, o que, podendo opor-se à palpa da mão, caracteriza a mão dos *quadrúmanos* e a do homem. As figuras extraídas por M. Cartailhac de alguns vasos ítalo-gregos existentes nos diversos museus, parecem resolver a questão. Dos seis guerreiros que essas figuras representam, um só empunha a espada com o polegar por fora dos copos, mas porque tem já subjogado o inimigo e só resta degolá-lo. Todos os outros, que estão em pleno ardor de combate, empunham completamente os largos sabres, que se parecem muito, de resto, com alguns encontrados na Espanha e em Portugal. A mão dos antigos guerreiros era pois, sem dúvida, mais pequena do que a dos homens de hoje.

Em resumo: o livro de M. Cartailhac é o primeiro livro que, verdadeiramente, se tem escrito sobre a antropologia e a arqueologia pré-histórica de Portugal, e resolve bastantes problemas. Contudo ele vem deixar pendentes muitos outros que pareciam resolvidos, entre os quais figura a eterna questão do homem Terciário que, para M. Cartailhac, não foi ainda descoberto, nem pelo menos os seus vestígios. As questões da significação e valores da época dos *kjækkenmæddings*, da existência de verdadeiras sepulturas quaternárias, da comunidade de origem ou relações de dois povos distantes reveladas pela identidade das suas produções artísticas, ficam também apenas estabelecidas, e muitas e muitas discussões se hão-de ainda por muito tempo levantar a seu respeito no mundo científico. A nosso ver, sem que toda a superfície da Terra esteja convenientemente explorada, toda essa imensidade dos continentes africano e

asiático resolvida, ao menos como está este nosso cantinho de Portugal, todas essas discussões seriam estéreis.